



O CRIME, QUADRO DE PRUDHON.

PRUDHON, celebre desenhista e pintor francez, nasceu em Cluny no anno de 1760. Seus paes, posto que não fossem abastados, cuidaram, logo que elle chegou á idade de dez annos, de lhe dar uma educação esmerada; e porque o julgavam de compleição mui debil e lhe suppunham um genio recolhido e meditabundo, entenderam que nada melhor podiam fazer do que dedical-o á vida ecclesiastica. Para este fim pediram e obtiveram que o joven Prudhon fosse admittido no collegio dos benedictinos de Cluny.

Fadado porém para ser o grande artista que foi depois, mais se entretinha Prudhon na contemplação das pinturas que possuíam os frades, do que na conversação dos livros, e no lidar das escolas. Figurou-se-lhe até que as poderia imitar, e para o conseguir compoz elle mesmo as tintas com os succos de varias hervas, fabricou os pinceis de que devia servir-se, e com taes meios executou desenhos que foram o espanto dos seus mestres.

Conhecida por este modo a sua alta vocação os bons dos frades recomendaram-no ao bispo de Macon, que o fez admittir na escola gratuita das artes de Dijon, na qual passado pouco tempo tão extraordinariamente se distinguio que no seguinte anno (e quando tinha apenas dezeseite annos de idade) foi enviado a aperfeiçoar-se na Italia.

Regressando d'aquella península começou para o talentoso artista uma existencia de sacrificios e de desgostos. Tendo de occorrer á sua sustentação, e a

de sua mulher (pois que uma imprudencia o levára a contrahir o sacramento do matrimonio em tão verdes annos) Prudhon trabalhava noute e dia, quasi sem descanso. É força porém confessar que obrigado muitas vezes a executar obras pessimamente retribuidas, nem por isso deixava de concluil-as com primor e consciencia, mostrando assim quanto repositava a reputação. D'esse tempo existem muitos desenhos todos notaveis pela correcção, graça e bem acabado.

Mas o artista aspirava a mais elevados destinos, era n'um quadro que pretendia provar as suas forças. *Caim e Abel* revelou á França um talento verdadeiramente original. Este bello quadro, existente no Louvre, excitou então a admiração geral, e ainda hoje causa em quem o contempla uma impressão profunda, pela energia do desenho, pelo arrojado da concepção, pela magia do colorido. O auctor tinha quarenta e oito annos quando o terminou!

Prudhon tratou infinidade de assumptos, quasi sempre com o mais completo exito, releva todavia declarar que sendo alias excellentemente sempre na sua arte divina, primava e sobressaia incontestavelmente nas composições tragicas.

Aparentam-se como os mais notaveis dos seus trabalhos, depois do *Caim e Abel*, um dos melhores quadros da escola franceza, a *Avareza*, a *Indigencia*, e sobre todos, o *Crime arrastado perante a Justiça*. D'este ultimo damos na gravura um transcripto fiel.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

MEMORIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

XXVIII.

Hospital.

COMEÇOU este hospital pela confraria do Corpo de Deus, instituida na era de 1447, anno de Christo de 1409, pelos principaes moradores da villa e termo, os quaes todos juntos no adro da igreja de S. Salvador approvaram o compromisso a 23 de julho (1), e prometteram logo para ajuda da dita confraria trinta e quatro cabeças de vaccas.

Entre os artigos do dito compromisso os principaes são estes: Que todos juntamente em cabido por campã tangida chamados em dia de Corpo de Deus em cada um anno farão um mordomo, um escrivão e um juiz; e se algum d'elles se recusar a tomar em si o dito officio, a confraria lhe possa mandar cerrar as portas, e pôr pena de certa cera para a mesma confraria. Que continuamente mantenham um capellão, e que reparem um hospital de leitos e de roupa para pousarem os pobres; e que quando alguns d'estes adoecerem no dito hospital, o mordomo os visite com aquellas cousas que lhe cumprirem e mister fizerem para suas doenças; e se morrerem os sepultem á custa da confraria, e o capellão lhe diga uma missa presente. Que cada confrade dê para a confraria em cada um anno um alqueire de trigo. Ordena de que modo assistirão aos enterros dos confrades e filhos dos confrades; e que suffragios lhe applicarão. Como darão contas em cada anno os mordomos, e que jurisdicção tenha a confraria para os coegir a pagar seus alcances, quando os haja. Estabelece que nenhuma justiça ecclesiastica e seculares entendam com a dita confraria, nem possam haver conhecimento de nenhuns feitos d'ella; e caso as ditas justicas queiram tomar conhecimento da dita confraria ou feitos d'ella, os confrades possam tomar todos os bens, e permudal-os em outras obras de piedade; e se as ditas justicas ainda mais quizerem obrar sobre isto, possam os confrades tomar os ditos bens, e partil-os entre si irmanamente, e cesse esta obra de piedade (2).

Com effeito não muito depois intentaram as justicas ecclesiasticas ingerir-se no tomar das contas da confraria; mas esta, antes de recorrer ao partido extremo auctorizado por seu compromisso, pediu justiça a el-rei, que por provisão dada nas Alcaçovas a 7 de janeiro da era de 1460, anno de 1422 (3) declarou serem isentos da jurisdicção ecclesiastica, por ser confraria feita por pessoas leigas (4). E assim se cumpriu.

O mais assignalado bemfeitor d'esta confraria e hospital foi Gil Affonso Ribeira, um dos fundadores d'ella, e Catharina Annes, sua mulher, os quaes em testamento de mão commum, feito em Arrayo-

los a 10 de dezembro, anno de Christo de 1445, deixaram á dita confraria todos os seus bens assim moveis, como de raiz (5). Entre estes foi a herdade, que depois se chamou do Corpo de Deus (6).

Gil Affonso Ribeira foi um dos homens mais abonados da terra no seu tempo, e exerceu o cargo de almoxarife do condado de Arrayolos no tempo do condestavel D. Nuno Alvares Pereira e de seu neto o conde de Arrayolos D. Fernando, que foi tambem duque de Bragança (7).

O nome de confraria do Corpo de Deus caiu em esquecimento, e prevaleceu o de Hospital do Espirito Santo, sem que possamos explicar bem a occasião, que para isso houve (8). Seria por haver algum hospital mais antigo d'este nome, a que se annexasse o do Corpo de Deus? Ou procedeu isso de uma simples alteração de nome por causas, que hoje se não podem descobrir? Fosse como fosse, a invocação do Espirito Santo foi a que prevaleceu, e até se communicou á rua contigua ao hospital.

Instituida a misericordia em 1524 (como veremos) foi-lhe logo annexo o hospital para que tudo fosse uma só cousa, segundo forma do alvará d'el-rei de 12 de fevereiro do mesmo anno, e regimento do duque de Bragança, dado ao bacharel João Alvres, seu ouvidor, que o veiu cumprir em 14 de abril (9); e por algum tempo foram as duas casas administradas em commum pelo mesmo provedor e meza; e d'isso acho memoria até ao anno de 1533.

Mas acabado então de fundar, e povoado de fresco o convento dos Loios, logo em 1535 se encontra provedor do hospital o padre Luiz de Santa Maria, reitor do mesmo convento. E em 10 de janeiro de

(5) Ibid.

(6) Esta herdade é sita á ponte do Vimieiro, e modernamente conhecida pelo nome de Herdadinha. Passou do hospital para o convento dos Loios de Arrayolos por subrogação que se fez pela herdade do Monte das Pedras. (Vid. capitulo XXIV).

(7) Ha no cartorio do hospital entre varios papeis, que foram de Gil Affonso Ribeira, duas quitações a 1.^a do condestavel ao mesmo Gil Affonso Ribeira, seu almoxarife que foi em Arrayolos até ao dia em que fez doação a D. Fernando seu neto do dito lugar de Arrayolos e rendas d'elle: passada em Almada a 26 de abril de 1460 (era); a 2.^a de D. Fernando, conde de Arrayolos, ao mesmo almoxarife até ao fim do anno de 1428: passada em Souzel a 10 de novembro de 1429.

(8) Em 1524 o ouvidor João Alvres dizia: *O espiritall de samto espyto desta uilla, e outro tempo confraria do Corpo de Deus.* (Documento de 14 abril ib.), o que parece claramente demonstrar que só mudara o nome no mesmo estabelecimento. Mas consultado o documento de 26 de abril de 1531, achamos esta passagem: *Havendo sua senhoria (o duque) respeito aos edificadores e constituintes, que a principio ordenaram esta casa e confraria a honra do Espirito Santo, e os vindouros fizeram outra tal, chamada do Corpo de Deus, ás quaes confrarias leixaram muita fazenda de bens moveis e de raiz, e unidas as ditas confrarias, os bens a ellas deixados o foram assi etc.*: o que se não confirma por outro algum documento; antes o compromisso de 1592 diz: *Desejando dar ordem ao serviço do hospital e confraria do Corpo de Deus da villa de Arrayolos etc.*

Do que tudo se vê quão justo é que fiquemos em duvida, em quanto se não descobrirem novas provas sobre a materia.

(9) Documentos no cartorio da misericordia.

(1) Esta data é a do registo do dito compromisso no tombo do hospital de 1619; mas n'outro livro do mesmo cartorio lê-se a de 27 de julho.

(2) Cartorio do hospital.

(3) No corpo d'esta provisão se diz que a confraria era edificada havia 57 annos, o que não concorda com a data do compromisso: mas porque assim este, como a provisão, estão por traslado no tombo de 1619, não posso affirmar em qual dos documentos haverá erro de data.

(4) Cartorio do hospital.

1536 se expediu um alvará d'el-rei ao corregedor provedor da comarca de Evora para que em quanto o dito reitor do mosteiro de Nossa Senhora da Assumpção da villa de Arrayolos tiver cargo de provedor, e administrar o hospital da dita villa, não entenda com elle, nem lhe tome conta, nem razão alguma (1).

Seguiu-se no triennio de 1539 a 1542 o padre Jacome de Santa Maria, igualmente reitor do convento, e provedor do hospital.

Não consta ao certo se estes dous reitores foram tambem provedores da misericordia; mas parece que o foram só do hospital por nomeação especial.

Porém em julho de 1542 acho já provedor perpetuo do hospital o reitor padre Marcos da Consolação; e o foram d'ahi ávante todos os seus successores até a extincção geral das ordens religiosas em 1834; sem embargo da petição dos procuradores da villa ás côrtes de 1641, e parecer das mesmas côrtes para que o hospital se reunisse á misericordia (2).

A occasião que houve para perpetuar na pessoa do reitor dos Loios a provedoria do hospital, em separado da misericordia, foi esta: Tinha el-rei D. João III pelos annos de 1530 entregado o governo de todos os hospitaes do reino, que eram da jurisdicção real, á congregação dos conegos seculares do Evangelista (3). Seguiram os duques de Bragança as disposições d'el-rei, e quizeram servir-se dos mesmos padres na administração dos hospitaes das suas villas de Portel e Arrayolos. A este intento escreveu o duque D. Theodosio I ao capitulo celebrado no convento de Evora em 1541, pedindo acceitassem a administração dos ditos hospitaes. Acceitaram os padres, e foram d'ali em diante provedores do hospital de Portel os reitores de Evora, e do de Arrayolos os do convento da mesma villa (4).

Alguns annos depois, morto el-rei D. João III, se eximiram os padres no anno de 1563 da administração de quasi todos os hospitaes de jurisdicção real; conservando somente por instancias do cardeal, depois rei, D. Henrique, os das caldas da Rainha, e Coimbra (5), que só largaram em tempo d'el-rei D. José. N'aquelle mesmo tempo tratou a congregação de largar tambem os hospitaes da casa de Bragança. Para este fim se avistou o geral com o duque D. João I, e propondo-lhe o negocio a que ia, lhe respondeu o duque (segundo o testemunho do chronista da congregação) estas formaes palavras: Que não quizesse a congregação do Evangelista que elle lhe perdesse o amor, por lhe faltar em uma administração, em que se dava por tão bem servido, que na falta d'ella forçosamente havia de ficar queixoso: accrescentando que se havia cousa que remediar, estava prompto para o fazer, com tanto que a congregação proseguisse como de antes, porque esse era o seu maior gosto, e o seu maior empenho. "Estas palavras puzeram perpetuo silencio na materia (6).

E o reitor dos Loios não somente foi provedor do hospital de Arrayolos, senão que tambem o foi do hospital do Vimieiro por intervenção de D. Fernando de Faro, senhor da mesma villa; mas os moradores d'ella requereram que o seu hospital fosse administrado pela misericordia, e assim o conseguiram.

Por se achar incompleto o documento d'onde isto consta, não posso assignar termo certo a este facto; mas sem duvida remonta ao meado do seculo 16.^o (7).

Em 1524, por occasião da incorporação da nova misericordia ao hospital, accrescentou-se este. Para esse effeito se compraram umas casas na praça contiguas ao mesmo hospital (8); e foi então que se fabricou a capella do hospital, cuja porta é ainda hoje a primitiva. Presidia a esta obra o ouvidor João Alvres, e por que a obra ía mais devagar do que convinha, por mandado do mesmo ouvidor, de 2 de dezembro de 1525, se lhe deu pressa (9).

O hospital tinha a esse tempo sete camas para pobres, e uma camara em cima para religiosos e outras pessoas peregrinas. De passagem notarei que no inventario, então feito, apparecem mencionadas peças de roupa com os nomes de almadragues, coçodreis, e mantas e cobertas velhas, que só podiam servir para enxalmos (10).

Em 1531 veiu Joanne Mendes de Vasconcellos, capellão do duque de Bragança, tomar contas ao hospital, e fazer inventario e tombo de tudo o que a elle pertencia; conservando-se ainda hoje o tombo no cartorio do hospital, e o inventario no da misericordia (11).

Este foi o 1.^o tombo. Fez-se depois 2.^o pelo licenciado Gaspar Vaz de Sousa, em 1619, por provisão do duque. E 3.^o pelo doutor Alexandre de Moura Coutinho, do desembargo de S. M., e superintendente dos tabacos d'esta provincia, no anno de 1717, por provisão do desembargo do paço de 27 de julho de 1715 (12).

Eram passados quasi dous seculos depois da fundação da confraria do Corpo de Deus e seu hospital, quando, conhecendo a conveniencia de reformar o compromisso, approvou o duque de Bragança D. Theodosio outro novo em 29 de julho de 1592, onde se definem, segundo o pensamento da epocha, os fins do hospital, e as obrigações de seus ministros e empregados, provedor, mordomo, escrivão, medico, barbeiro, enfermeiro e capellão. O cargo de provedor permanecia sempre na pessoa do reitor dos Loios e o de mordomo era conferido pela casa de Bragança ás pessoas mais honradas da terra, e andava de ordinario na mesma roda, d'onde saíam os provedores da misericordia; e até o ser eleito provedor d'esta servia ás vezes de fundamento para a nomeação de mordomo do hospital (13).

A extincção das ordens religiosas em maio de 1834 deixou o hospital acephalo, por ficar privado do seu provedor perpetuo, reitor dos Loios: ao que se acudiu logo confiando-se a administração do hospital á meza da misericordia por ordem do prefeito da provincia de 23 de agosto do mesmo anno de 1834 (14).

(7) Documento no cartorio da misericordia de Arrayolos.

(8) Consta da escriptura, que existe no cartorio do hospital, lavrada a 13 de abril de 1524 em Arrayolos nas pousadas do ouvidor João Alvres, pelo tabellião Simão Ferreira, que era mordomo do mesmo hospital, e tabellião publico pelo sr. D. James, duque de Bragança e de Guimarães, nosso senhor.

(9) Cartorio da misericordia.

(10) Ibid.

(11) É de 27 de abril de 1531, e está continuado no mesmo caderno com o outro de 1524.

(12) Todos se conservam ainda no cartorio do hospital.

(13) Documento no cartorio do hospital.

(14) Registada nas estações competentes.

(1) Cartorio do hospital.

(2) Vide no capitulo XXII.

(3) Vae na fé do padre Francisco de Santa Maria: *Céu aberto na terra*, livro 1.^o, capitulo 23.

(4) Ibidem, capitulo 24.

(5) Ibidem, capitulo 25.

(6) Ibidem, ibidem.

Com esta nova forma de administração não só ficaram abolidos os dous antigos cargos de provedor e mordomo do hospital, mas se introduziram algumas alterações no regimen interno da casa. Pela instituição primitiva, e bem assim pelo regimento de 1592 fôra o hospital destinado a receber somente os pobres *andantes*: e com effeito apenas eram admittidos os que não tinham residencia na terra. Pareceu porém a meza da misericordia, nova administradora, (e creio que lhe pareceu muito bem) que não offendia as caridosas intenções d'aquelles antigos instituidores, admittindo ao curativo do hospital além dos andantes e estranhos os pobres residentes na terra; e com tanto menos escrupulo o fez, quanta é a boa vontade, com que para esse fim auxilia o hospital annualmente com os rendimentos da misericordia.

D'esta maneira o hospital, que apenas recebia em cada anno um limitadissimo numero de doentes, recebe agora um cento e mais, como se verá do seguinte mapa relativo aos annos de 1843 e 1844:

	1843	1844
Entrados	99	111
Curados	85	99
Fallecidos	10	8
Ficam existindo	4	4

J. H. DA CUNHA RIVARA.

VIAGENS NA AFRICA E NA AMERICA.

XXIII.

JÁ não é dentro de um pequeno brigue, mas em alterosa fragata de cincoenta pegas, que iremos demandar a terra de Santa Cruz. Antes porém de aportar a esse solo abençoado pela Providencia, gozemos por um pouco da liberdade dos mares,

Livres corramos sobre as ondas livres
Do oceano indomado por tyrannos,
Livres como saíu das mãos do Eterno,
Sua feitura unica no globo
Que impias mãos d'homens não puderam inda
Avassallar, destruir...

Como o cantor de Camões avaliou bem a sublimidade d'esse espectáculo unico, prova singular do poder de Deus, chamado *o mar*! Como se identificou com o seu heroe, que havia pintado, com mão de mestre, as furias do Adamastor, o fogo de Santelmo precursor da bonança, e os innumerados mysterios do oceano!... Depois de vós, reis da harmonia, ousados preserutadores das maravilhas do céu e das aguas, que ha de dizer um rude marinheiro?

É contudo é tão grande o attractivo d'esses quadros, que custa a despregar d'elles os olhos, quando nos passam por ante a vista.

« Não me fallem na pobre poesia da terra (diz um escriptor contemporaneo, que tambem sulcou os mares); nem a flor, nem o rio, nem a montanha, nem a campina, nem o proprio deserto talvez, chega aquella magestade; a espiritualidade do homem revela-se ali; o seu olhar não vê a terra, e a sua sciencia pode até marcar no infinito das estrellas a passagem para outro hemispherio; está sósinho lutando com os elementos, e vence os; o mar parece applicar-se ao som da sua voz; o vento parece fugir despeitado de não poder varrer os mastareus do seu navio; quando a vaga se eleva como uma montanha,

a um volver do leme o navio passa sobre ella, que se curva temerosa, e vem despedaçar-se, na sua raiva impotente, de um e de outro lado do vigoroso costado.»

E se effectivamente as ondas alagam o convez, se a violencia do temporal faz abrir agua ao navio, ou piloto inexperiente o leva sobre medonhos baixios... Como é nobre e grande o arrojo do homem, que mede as suas debéis forças com o poder immenso da natureza, e que, abandonado da esperanza, não perde ainda a coragem!

Mais de uma vez n'esta viagem tivemos a infelicidade de desarvorar; mais de uma vez em meio do vendaval e da cerração pedimos um raio de sol que nos esclarecesse o caminho e nos livrasse dos escolhos; tambem encalhamos, como a seu tempo vos contarei... porém essas recordações de trabalhos e de perigos, ainda têm uma certa suavidade para nós!

Incomprehensivel é o homem. Compraz-se nas grandes luctas, que aproximam a creatura do Creador, e tem saudades d'essas horas da agonia, até nos braços do amigo que não via ha muito, até cerrando contra o peito a amante desejada.

O mar é feiticeiro, dizem os marinheiros; e é assim. Quando no mais rijo da tormenta se offerece o traquete á Senhora da Bonança, quantas promessas se fazem tambem de não tornar a embarcar! E quantas se cumprem? Talvez nenhuma!

XXIV.

As cerimoniaes religiosas são ainda mais imponentes no mar do que em terra. Como é solemne o sacrificio da missa, junto de um pequeno altar improvisado, pobre de alfaias e despido de ornatos! Ver o sacerdote, no momento de elevar a hostia consagrada, vacillar por um inesperado balanço do navio, como se tremesse ante a magestade do Senhor; e os assistentes curvando-se mais talvez do que tencionavam, como se poder sobrenatural os obrigasse a uma genuflexão profunda! A onda pura rociando o sacrificante e os ouvintes, figura-se-nos agua do Jordão, que os vem lavar da culpa. A musica elevando hymnos ao céu em meio da solidão dos mares; as preces d'esses homens leaes, que vão encontrar-se com as dos parentes e amigos, rezando talvez á mesma hora por aquelles que andam sobre as aguas do mar... tem tudo isto um tal cunho de mysteriosa grandeza, que faz contemplar com mais respeito aquella augusta cerimonia no convez de um navio do que nas lages do templo.

É a ladainha rezada á noite ao clarão dos relampagos, ao estampido da trovoadá, tão vulgares entre os tropicos; e a confissão do moribundo, n'um leito em continuo movimento, que não dá descargo ao pobre nauta nem n'essa hora tremenda; e os officios funebres acompanhando o finado á borda da embarcação, quando vae para sempre sepultar-se n'aquella ampla valla do oceano... Ao menos é feliz no sepulchro o marinheiro; não fica apertado n'uma cova como o homem das cidades; não teme a profanação dos seculos; nem lagrimas fingidas e palavras mentirosas vêm cair sobre a sua lousa!

Essa vasta sepultura já guarda os cadaveres de dous de meus irmãos... quando irei eu reunir-me a elles?...

XXV.

Parece incrivel que em meio do oceano, tendo sempre presente o poder de Deus na sua expressão mais grandiosa, se commettam crimes hediondos co-

mo nas sujas vielas de uma cidade, ou nas devezas de mal assombradas serranias! . . . Pois até ahí chega a maldade do homem, e eu vol-o provo com um exemplo do que succedeu n'esta viagem que vou historiando.

Estavamos na altura da *Bahia de todos os Santos*; era uma noute serena de dezembro; a fragata parecia resvalar sobre a superficie das aguas; reinava o maior socego a bordo . . . quando de repente um grito medonho saiu da prôa, echoando sinistramente nas amuradas da embarcação:

«Acudam! . . . que mataram um homem! . . .»

Corre baralhada a guarnição para a prôa, e encontra-se um bom marinheiro, ainda rapaz, banhado em sangue e com as guellas cortadas; procura-se o assassino, que todos designam, mas que não aparece; o commandante manda formar a guarnição na tolda, e só então se vê no seu logar o matador. Interrogado, nega o crime, até chora pela victima. . . O valente e infeliz Amaral tem a lembrança de comprimir-lhe o peito com a mão, e só encontra o pulsar ordinario n'aquelle coração de fera. Nem temor nem remorso o pungia! . . . Puzeram-se-lhe ferros aos pés, e foi conduzido á prisão, entre as maldições de quatrocentos homens indignados e que o desejavam esquarterar; d'ahi a meia hora estava a dormir placidamente! Posso-o afirmar, porque tive a curiosidade de chegar o ouvido á bôca do malvado; respirava uniformemente, dir-se-ia o somno de um justo!

N'esse momento cheguei a ter asco á humanidade; pareceu-me ver em todos os homens aquelle typo de hyena.

Os esforços de dous habéis cirurgiões, e a robustez natural do ferido, operaram, com a ajuda de Deus, um milagre. Manuel Martins salvou-se, e ainda hoje vive. O assassino esteve prezo largos mezes em um paiol, quasi no fundo do navio, e a final fugiu em Angola a uma escolta de *impacaceiros*, que o conduzia para o sertão; disseram-me depois que tinha voltado a Lisboa.

A origem d'aquella desgraça havia sido uma bagatella. Manuel Fernandes (o assassino) estava maltratando um grumete ainda pequeno, e a victima admoestou-o com boas palavras que não proseguissem. . . O tigre sacou da faca, e lançou-se ao inoffensivo marinheiro.

Este successo, que eu mais por extenso contei em outro logar, deixou-me para sempre uma recordação dolorosa.

XXVI.

Ella lá está, a terra de Santa Cruz! . . . Salve, continente do novo mundo, cujo nome alcançou para si o talento especulador de Americo Vespuccio, em detrimento do ousado descobridor genovez! Salve, imperio do Cabral, baptisado pela ambição dos homens em terra do Brazil, menosprezando o titulo que lhe dera o navegador; cousa que João de Barros levou muito a mal em um chorooso capitulo das suas Decadas. E mais nos scandalisa a nós a falta de um monumento a Pedralves, e que estivesse perdido por seculos o seu tumulo, quasi milagrosamente achado ha poucos annos em Santarem.

Já vistes o nome do descobridor do Brazil em alguma lapide de Portugal? O seu retrato, o seu busto em alguma galeria publica? Não! E na terra que elle foi desencantar para a civilisação, cremos que ha igual desleixo. Entretanto na cidade de Toulon encontra-se um monumento com esta dedicatória:

«Aux marins célèbres, la ville de Toulon.» E en-

tre os nomes de muitos ousados navegadores, lê-se com prazer, Gama, Cabral, Zargo, Magalhães, lembrados pelos estrangeiros, em quanto são esquecidos pelos nacionaes.

Derijámos a prôa para o *Rio de Janeiro*. Vede como é bonita esta costa; que multidão de pequenas ilhas; que infinita navegação de barcos differentes. Já se avista distintamente o *Gigante deitado*, caprichoso aggregado de montanhas que justificam aquelle nome; a seus pés está o *Pão de assucar*, e logo a cidade de S. Sebastião se estende pela ampla bahia, mirando do outro lado sua irmã mais nova, a *Praia Grande*, hoje *Nitherohy*.

Deixando á direita a fortaleza de Santa Cruz, e á esquerda o forte de S. João, isolado sobre uma lage como o *Penedo* de Angola, tornámos a encontrar muitas ilhas, e os horisontes recortados por gigantescas montanhas, entre as quaes destaca pela singularidade da sua perspectiva a serra dos *Orgãos*, que campêa no fundo da bahia, quasi sempre coroada de um diadema nebuloso, e accendendo pela tarde os seus fogos de mil relampagos.

Descrever aqui o Rio de Janeiro seria um trabalho inutil. Além de que muitos portuguezes têm visitado aquella cidade, encontra-se a sua descripção em mil e um livros, e até mesmo nas columnas do *Panorama* em diversos artigos dissimulados pelos anteriores volumes. Voltar-me-hei para as reminiscencias, quasi todas saudosas, que conservo da minha estada por duas vezes (um total de oito mezes) no Rio de Janeiro, e de uma excursão que fiz a *Santos*, na provincia de S. Paulo.

XXVII.

Os nossos compatriotas estabelecidos no imperio, e os proprios brazileiros de educação esmeram-se em tratar bem os portuguezes que demandam aquellas praias. Os convites para jantares, para passeios, para bailes succediam-se quasi sem solução de continuidade. Tambem os officiaes da fragata emprenderam dar um sarau ás amaveis fluminenses, e aos obsequiadores cavalheiros do Rio; e levou-se o projecto a effeito com o possivel esplendor. O navio estava elegantemente aderegado, e a concorrência foi numerosa. Um baile a bordo tem muito mais encanto do que nos salões sumptuosos de qualquer palacio. Reinava a alegria entre todos os convivas; a musica não cessava de tocar, a dança era vertiginosa, e só terminou depois de nascer o sol do seguinte dia.

Este sarau deixou-nos recordações muito suaves; porém eu ainda me lembro com mais saudade da convivencia intima que tínhamos em differentes casas de pessoas de distincção, e de amigos velhos, antigos conhecimentos da Europa. O meu hospede effectivo morava defronte do passeio publico em um lindo pavilhão, aonde gosei bastantes horas de felicidade na mais doce paz, sem etiquetas, e recordando os dias da nossa juventude em Lisboa.

O Rio de Janeiro deve ter mudado muito depois que eu o visitei pela ultima vez: a illuminação a gaz, e telegrapho electrico pondo em contacto as repartições superiores do estado, os trabalhos do caminho de ferro para Petropolis, e outros melhoramentos materiaes, hão de ter mudado a face d'aquella povoação. Com a riqueza que possui aquelle felicissimo paiz, cabia a esta cidade ser um modelo de elegancia; talvez tenha de se ver isso em a nova capital que os representantes da nação resolveram que fosse erecta mais ao norte, nas proximidades do rio de S. Francisco. É natural que, a ser levado ávan-

te um tal plano, a cidade do Rio de Janeiro substitua a de Nitherohy, como séde da provincia, e que aquella moderna povoação volte a ser, como antes, apenas um arrabalde de S. Sebastião, como Cacilhas e Almada em relação a Lisboa.

Tendo partido do Rio para Montevidéu, mudei ali de navio, e regresssei ao Brazil, em quanto a fragata seguia para Angola. Continuando pois a desprezar a chronologia, para aproveitar a unidade de logar, deixarei para mais tarde as reminiscências do rio da Prata, e velejarei na corveta (meu novo quartel) para o porto de Santos, aonde íamos esperar D. Pedro II, que viajava na provincia de S. Paulo, e havia embarcar ali para o Rio de Janeiro.

Repetirei aqui os ligeiros apontamentos que tomei acerca d'aquelle bonito logar, por ser menos conhecido dos portuguezes.

O rio de Santos, na provincia de S. Paulo, é como um tapete de lhama de prata, lançado negligentemente sobre uma planicie de verdura. Estreito, mas fundo, abrigado de todos os ventos, presta por mais de uma legua facilissima passagem aos navios de qualquer porte, que, por entre duas fileiras de mato rasteiro, seguem o capricho das aguas em seu leito de graciosos contornos. Encravado no rio, o viajante não descortina passagem que o leve para fóra do continuo circulo de vegetação que se lhe apresenta; e mais ao longe e por toda a parte os recortes de altas montanhas parecem negar-lhe a comunicação com o oceano. Uma legua acima da foz, encontra-se a cidade, assentada na margem direita do rio; nenhum monumento d'arte a adorna, mas o seu aspecto é risonho, as suas mulheres são formosas, os homens hospitaleiros, e o movimento commercial avultado.

Na occasião da minha chegada, a cidade respirava alegria á aproximação do joven e talentoso imperador, que regressava de S. Paulo, cidade capital da provincia. A nossa demora ali apenas foi de dous dias, e voltamos ao rio acompanhando o monarcha, que vinha em uma fragata brazileira, seguida de duas corvetas e um brigue escuna. Ainda os vapores não eram, como hoje, a unica viatura maritima, não só dos soberanos, mas de qualquer pessoa medianamente endinheirada.

Não vos descreverei esta calmosa viagem, nem me demorarei a contar o desembarque do cesar na capital dos seus estados; mas dizendo adeus, com os olhos humidos de lagrimas, a essa terra hospedeira, viremos ainda a prôa ao austro, busquemos o caudaloso rio, semeado de escolhos, onde Solis deixou com o nome a vida, para mais tarde, depois de esquecido o seu cadaver, os-homens lhe trocarem tambem o titulo da descoberta em rio da Prata!

XXVIII.

Fugindo ao perigoso *banco do Inglez*, fomos avistar *Maldonado*, logar de velha recordação para os portuguezes; e continuando a subir a corrente do rio, vimos a ilha dos *Lobos*, em cujas immediações é fama que apparecem lobos marinhos; e mais tarde enxergamos a ilha das *Flores* e o seu farol; e finalmente o *Cerro* e a cidade de *Montevidéu*. Esta formosa capital da republica oriental do Uruguay, apresenta-se ao viajante com todo o attractivo de uma moderna cidade hespanhola; as soteas e miradouros, que corream todas as casas, ainda conservam a herdada elegancia dos arabes; porém as torres e o zimbório do unico templo que se descobre na povoação é que não recordam a piedade e a riqueza dos monarchas das Hespanhas e das Indias. Duas fortalezas á beira-mar são a unica defeza do litoral da cidade.

No porto estava surta a esquadra argentina, que mais tarde vimos arrear bandeira aos primeiros tiros de intimação de uma divisão anglo-franceza; e em roda da cidade estava um exercito de argentinos e orientaes, que proclamava um presidente da republica differente do que occupava Montevidéu: para dentro das linhas de defeza achavam-se homens de todas as nações, entre os quaes o celebre Garibaldi, armados de varias maneiras, com trajas disparatados, sem pão, sem calçado, blasfemando... lembravam a escoria do povo romano, clamando pela lei agraria em Monte-Sacro.

Não tratarei da historia d'essa interminavel guerra, que tão differentes phases tem tomado, e que, por certo, ainda se não pode reputar ultimada; nem me demorarei a ponderar a amabilidade proverbial das *señoritas*, como já largamente o fiz, e com entusiasmo de mancebo, em outro escripto. Pouparei aos leitores uma descripção do *Pampeiro*, que é uma tempestade medonha, mas que em nada differe dos temporaes dos outros mares; e não abusarei da sua paciencia repetindo-lhes os quadros de costumes, já tão divulgados entre nós. Continuaremos pois a difficil navegação do Prata, em busca de *Buenos-ayres*.

Embarcamos um piloto portuguez, pratico do rio, para guiar a corveta por entre os baixios; mas o pobre velho, ou porque já estava meio demente, ou por que a cerração o enganou, foi varar o navio sobre o *banco d'Ortiz*. Ahi passamos tres dias de anciedade, diligenciando salvar a embarcação por todos os meios possiveis. A final vimo-nos obrigados a alijar os mantimentos, os sobrecollentes, e a propria artilharia, para quebrar as algemas que nos lançára o Ortiz; e entrando de novo no canal avistamos a colonia do *Sacramento*, que já foi possessão nossa, como Montevidéu, e no dia seguinte fomos ancorar no porto de *Buenos-ayres*.

A guerra afugentára d'ali os navios mercantes; apenas se viam surtas n'aquelle amplo porto duas embarcações de guerra francezas e outras duas inglezas, que o bloqueavam. Passados dias chegou tambem ao ancoradouro a infeliz corveta sueca *Carlschrona*, que, no regresso, soçobrou perto da costa do Brazil, perdendo-se toda a tripulação, menos cinco homens. Pobre gente, que tanto lamentou o nosso desastre, mal pensava que em breve seriamos nós que chorariamos o seu tragico fim!...

A cidade vista de longe apresenta a pouca vantajosa perspectiva de uma povoação edificada em planicie; porém desembarcando nas suas praias encontra-se o aspecto, severo sim, mas bello e harmonioso de uma velha cidade hespanhola. Permitta-nos o leitor que o conduzamos ao bulicio d'aquellas extensas ruas, cortadas em angulos rectos por outras ruas muito regulares, á similhaça de Montevidéu e da parte de Lisboa delineada pelo marquez de Pombal; não se arrependera certamente de nos haver acompanhado.
(Continúa.)

F. M. BORDALO.

ARCHIPELAGO DE CABO VERDE (1).

CANÇA a vista, opprime o coração ver tamanha destruição! Parece a quem entra n'esta povoação, que vê uma praça tomada de assalto por um exercito de selvagens aos quaes fez a guarnição a mais porfiosa resistencia. Ruinas á entrada do porto, pedras, entulho, e peças de ferro jazem de mistura; eram as for-

(1) Continuação de pag. 51.

tificações da cidade por o lado do mar: ruínas pelas ruas, escombros a um lado e outro; eram as habitações dos cidadãos e nobres: ruínas pelas praças, lanços de parede, entulho, um troço de columna, cantaria lavrada em pedaços, são restos de cintros, de cornijas; eram igrejas magestosas, onde os fieis adoravam o Deus d'Affonso Henriques.

Eis o que nos resta da cidade da Ribeira Grande, que pelas suas reliquias vê-se que com os seus cinco mil opulentos habitantes bém merecia o nome de Lisboa Africana, melhor e com mais razão do que Loanda, essa capital d'Angola, elevada hoje a capital da Africa portugueza até que vá sepultar-se na valla aonde a precedeu sua irmã mais velha. E bém receio que assim lhe aconteça, porque ha sessenta annos a esta parte marcâmos o nosso dominio pela destruição, como antes o marcavamos pelas construcções sumptuosas.

Saiâmos d'aqui depressa, que doe este espectáculo a um coração portuguez. Entremos no escaler, e levados por esta brisa tão suave, vamos costeando a terra demandar a villa da Praia, que é menos perigoso uma viagem assim, que atravessar tres leguas de um Sahará em miniatura para nos dirigirmos ao mesmo ponto.

A villa da Praia gosa ainda hoje da consideração de capital da provincia, de que se quiz despojal-a em 1838, por vingança ridicula de um governador geral, e por leviandade de quem se confiou mais do que devêra de participações incoherentes e ridiculas por sua exaggeração, e se apressou a ser mero instrumento das paixões do seu subordinado. Ainda que é quasi coeva da cidade da Ribeira Grande, e capital desde 1770, nunca chegou a poder emparelhar com ella a nenhuns respeitos, nem na riqueza, nem em população, nem na magnificencia de seus edificios. Não lhe faltam comtudo feitos gloriosos que ennobrecem a sua historia. A defeza que sustentou contra os hollandezes em 1598, obrigando-os a retirarem-se com perda, tenho-o em conta dos maiores, principalmente attendendo aos poucos recursos de que podia dispor, á debilidade de suas fortificações, e á pequena população que suas muralhas encerravam; e creio que não foi menor a consideração que mereceu á metropole, pois que não posso assignar outra epocha, e por conseguinte outra causa a sua elevação á cathegoria e consideração de villa, que se encontra nos papeis do tempo, e de que ninguem sabe dizer-me a data.

Situada no fundo da bahia que forma o porto que d'esta povoação toma o nome, está a povoação d'este nome sobre a achada de uma rocha, que antigamente se chamava de Santa Maria, creio que da Esperança, do nome d'uma ermida em que se venerava a Santa Virgem com essa invocação, e que ainda em principios do 17.º seculo se via, no sopé do monte, no sitio em que hoje se vê o deposito da agua de Mont'agarro para os navios.

Esta rocha, que se eleva umas vinte braças acima do nivel do mar, vae abraçando e sustentando a villa por leste e oeste, destacando-a de dous valles, que a acompanham cada um por seu lado até se reunirem, ao norte, na raiz da encosta, que por esse lado dá entrada para a villa, a qual terá aproximadamente meia milha de comprimento de norte a sul e umas 160 braças de largura. Ambos estes valles commecam a nascer em duas praias, uma á direita, outra á esquerda de quem ali aporta, e que formam uma *lomba*, que os esconde á vista, e os resguarda tambem das innundações do mar, que lhes fica superior uns cinco ou seis palmos: a primeira, que é de arêa preta, chama-se d'ahi *Praia Negra*; a ou-

tra, de arêa branca, chama-se por a sua extensão *Praia Grande*.

É aqui que actualmente se desembarcam as mercadorias (e desde 1837 tambem a gente), euido que por causa da alfandega, que aqui se acha n'umas casas que em 1820 pouco mais ou menos o conselheiro Martins deu ou vendeu ao estado. Proximo a esta alfandega acha-se uma calçada, de perto de trinta palmos de largura, (e cuja construcção é de tempos immemoriaes), por onde se entra na villa pela sua extremidade sul.

Antigamente o desembarque fazia-se n'uns penedos escorregadios e desunidos, e por entre os quaes o mar arrebenta ás vezes com furia; e seguindo-se em distancia de perto de um quarto de milha a Praia Negra, entrava-se no valle contiguo onde se encontra ainda uma estrada, bastante arruinada, que dá entrada para a villa por o lado de leste. Este desembarque era perigosissimo para quem não soubesse gymnastica, e por isso o governador Chapuzet mandou lançar pedra no intervallo dos penedos para formar assim um caes natural, mas como não chumbou, nem uniu com o cimento hydraulico essas pedras, a marézia destacou-as d'ali em pouco tempo, e deixou o desembarque tão perigoso como estava d'antes. Chama-se a este sitio a *Pedra*, e ha n'ella uma posto fiscal. Hoje apenas ali desembarcam os officiaes e marinheiros dos navios de guerra, que são *pimpões*, e não querem sujeitar-se a que a resaca da Praia Grande, ou a estupidez dos negros lhes faça tomar um banho d'agua salgada.

Ouvi dizer que em 1837 o tragico fim d'uma sr.^a americana, que morreu entallada entre estes penedos, e mais um filhinho, que levava consigo, causou tamanho terror, que ninguem mais se atreveu a confiar á pericia da gymnastica a sua vida. Seja a causa qual for, o que é certo é que o desembarque, por via de regra, só se faz na Praia Grande. Effectuava-se d'antes a cavallo no pescogo d'um preto, que exigia por isso os seus oito vintens de cada pessoa, a qual não poucas vezes rolava no mar, e mais o conductor! Assim desembarquei eu ainda em 1840, e assim embarquei quando quatro mezes depois me retirei; mas fui feliz em ambas as occasiões. Em 1842 estabeleceu-se uma cadeira sobre uma paviola, em que pegam 4 negros. Ao principio não servia senão para os altos funcionarios, mas em junho d'esse anno dei ordem para que se puzesse á disposição de todos que quizessem servir-se d'ella. Este embarque ou desembarque assim fica custando 640 réis, mas é muito mais seguro. Os fardos pagam 40 réis a cada preto empregado n'este serviço, e não é mau, quando não se tem ainda em cima a lamentar uma avaria ou uma perda total. Apezar d'isto não ha caes, porque se entende que 20 réis por pessoa, e com segurança completa, é mais pezado que 160 sem ella. Assim são as nossas cousas! Assim havemos de ir sempre porque não sabemos, e não queremos saber, applicar-lhe os meios.

Já desembarcamos na Praia Grande cousa de sessenta passos dista da alfandega. A' nossa esquerda vê-se uma extensa praia que parece encurvar-se para ir abraçar o *monte vermelho*, celebre nas tradições do paiz pelo seu ouro, que ninguem viu, mas que um francez comprava nas obras de olaria que os vadios lhe levavam a vender; esta praia vae-se depois afastando para terminar em curva de arco na ponta da *Temerosa*, visinho da qual se acha o ilheu que dista umas 120 braças da praia, e aonde se vae a vau na vasante da maré.

Na frente estende-se o valle do Oeste, ou varzea da companhia, com os seus palmares de tamareiras

e de coqueiros, com os seus poços de uma agua que exhala um forte cheiro de enxofre; a um lado do qual vêm-se os quintaes das casas da villa, e ao outro as fazendas abandonadas, que só produzem o *carriço*, o algodoeiro, e as plantas umas sylvestres e outras rasteiras, enfeitando este logar que parecia ter sido pela morte destinado para avenida de seu imperio: e com effeito lá ao longe alvejam as paredes do muro e a capella do cemiterio, que com a porta voltada para a villa faz lembrar o sapo, que está de bôca aberta chamando a doninha e obrigando-a a ir metter-se-lhe dentro. É um ruim agouro para o supersticioso habitante da ilha, que talvez amortega a sua energia. Voltemo-nos para a direita. Ainda arêa, depois o armazem do sr. Cardoso, incendiado em 1848, e que o governo dos Estados Unidos pagou, posto que não sei se o dinheiro chegou por fim as mãos de seu dono: umas tres braças distante está a alfandega, que não ardeu n'aquella occasião, porque, por fortuna, estava fundeada no porto uma esquadra americana, que acudiu com soccorros e bombas; pois na villa só ha uma que ha muitos annos está arruinada completamente, e que ninguem sabe concertar; e ao pé da alfandega a casa da guarda.

Agora subâmos a calçada por mais que nos custe. Já a transpuzemos. Cuidado com a briza que vem encanada pela rua do Quartel, e que pode constipar, porque o calor e o cansaço da subida fazem transpirar; agasalhe bem o peito, quando mais não seja com a aba da sobrecasaca; uma constipação pode atiral-o em tres dias para o cemiterio.

Aqui á direita está o largo da igreja, que forma uma extensa praça em forma de parallelogrammo, que se avança de oeste para leste, acabando na igreja matriz da invocação de Nossa Senhora da Graça, mesquinha construcção do governador Chapuzet, ao qual ainda assim se devem por isso muitos louvores; pois se elle a não tivesse feito, não sei desde então até 1839 quem se lembrasse de tal. A oeste ergue-se um bello, diria mesmo sumptuoso para estas terras, quartel militar feito de pedra, e que o governador Chapuzet tambem construiu, mas que não teve tempo de acabar, e de que ninguem mais fez caso até 1842, em que o governador Bastos mandou continuar as obras que se concluíram em 1846, no tempo do governador Noronha. Do lado do sul está um parapeito com bancos de pedra, onde ao cair do dia vão tomar o fresco os ricos habitantes da villa; tambem é obra do governador Bastos: e ao norte acham-se duas bellas propriedades particulares, n'uma das quaes residia o governador geral. Esta praça foi ornada de arvores em fins de 1842.

Seguindo-se por a rua que fica em frente da calçada, entra-se na praça do Pelourinho por um dos lados. Nesta praça, que terá umas 40 braças de largo e 60 de comprido, levanta-se bem a meio uma columna de pedra, assente sobre alguns degraus tambem de pedra, a que se deu o nome de Pelourinho, insignia indispensavel de uma povoação, que tem a honra de chamar-se villa; e do lado do sul faz-se todos os dias a feira ou mercado diario, á qual concorrem os vadios com as produções de suas fazendas, que são: fructas, hortaliças, assucar, azeite de purgueira, lenha, leite, legumes, mandioca etc. Esta praça é calçada nos lados em frente das casas, e terrea no centro.

(Continúa.)

J. M. DE SOUSA MONTEIRO.



O HERCULES GERMANICO.

No sitio onde hoje está assente a magnifica cathedral de Strasburgo (outr'ora Argentorato) existia muito antes do nascimento de Jesus Christo um bosque sagrado, no qual os celtas tribucos (*dreybocher*) habitadores d'aquella região, celebravam os cruentos sacrificios do seu culto.

Os romanos, conquistada a Alsacia e Argentorato no tempo de Julio Cesar, cortaram a mysteriosa floresta druidica, e ali erigiram um templo, onde differentes divindades recebiam incensos. O principal idolo porém que o paganismo venerava em Argentorato era o de Hercules o bellicoso. Este deus-heroe objecto de adoração dos germanos (Tacito, *De moribus germanorum*, cap. 2) recebeu dos alsacienzes o nome de *Kruzmana*, isto é *Kriegsman*, que significa o heroe da guerra. De tal modo se lhe afieçoaram os povos, a quem a invocação da supposta divindade lisonjeava nos seus instintos ferozes, que não foram bastantes a estirpar o seu culto os esforços e o zêlo de um S. Materno, apostolo da Alsacia.

Sómente no anno 349 da era christã é que S. Amando, primeiro bispo de Strasburgo, conseguiu que fosse destruido o templo de Hercules, e edificada em seu logar uma igreja christã, que foi depois tambem arrasada no anno 449 pelos barbaros, commandados pelo terrivel Attila, rei dos hunos. Nos annos 504 a 510 foi a igreja reconstruida por Clovis, rei de França, e o christianismo começou de novo a lançar raizes profundas na Alsacia. A pequena igreja de Clovis está convertida, depois das successivas reconstrucções de muitas gerações de monarchas, na cathedral sumptuosa, orgulho da arte architectonica, e testemunho glorioso da piedade de nossos maiores.

— Se destruides o direito de propriedade, o trabalho será substituido pelo ocio; a actividade pela inercia; o estimulo pela indifferença: a terra ficará inculta; as artes em abaudono; a industria sem alento; o commercio sem effeitos.

M. CARVALHO — APHORISMOS